

A TEORIA DA CONSERVAÇÃO E AS INTERVENÇÕES NO SÍTIO DO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PIAUÍ

Maria Conceição Soares Meneses Lage
Jóina Freitas Borges

Resumo

O presente artigo trata dos trabalhos de conservação realizados na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada à luz das cartas internacionais e das teorias preservacionistas. Foram realizadas ações de limpeza, preferencialmente mecânicas, e consolidação do suporte rochoso em diferentes pontos do sítio. Esta última utilizando uma argamassa fabricada com material do próprio sítio. Os resultados obtidos garantiram uma desaceleração no processo de degradação do sítio.

Abstract

The present article treats of the conservation works accomplished at the Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada to the light of the international letters and of the preservations theories. Actions of cleaning, mechanical preferencely, and consolidation of the rocky support were accomplished in different points of the ranch. This last one using a mortar manufactured with material of the own ranch. The obtained results guaranteed a retardation in the process of degradation of the ranch.

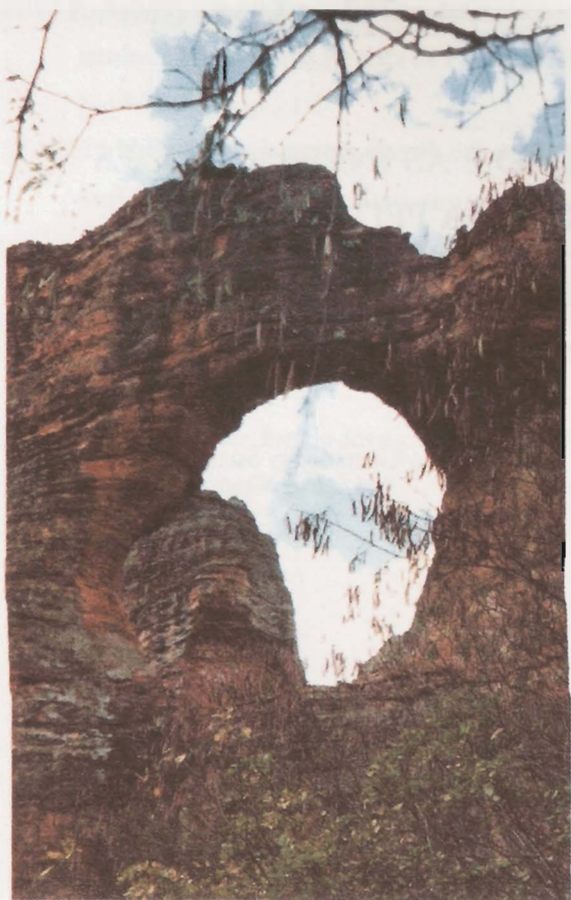
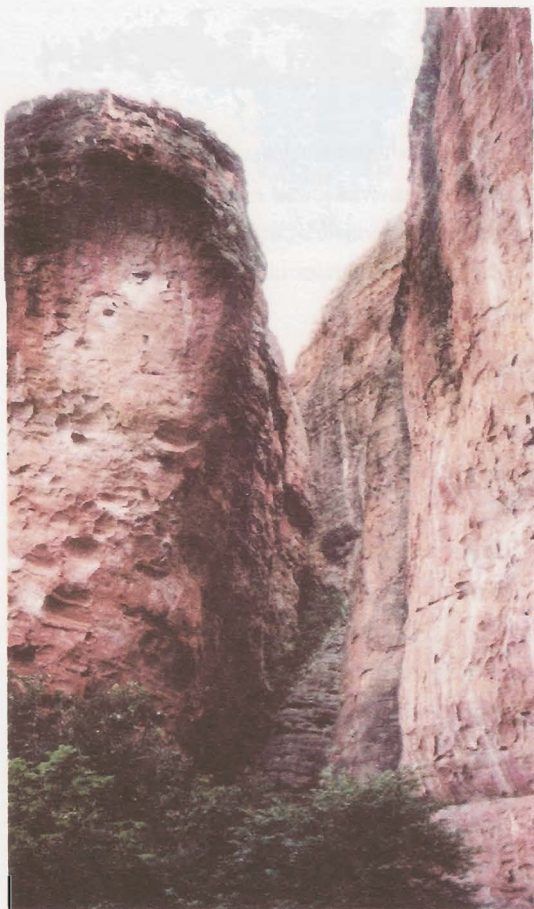


Foto 01

Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí - Brasil

Foto 02



Apresentação

A Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada – BPF, é um dos muitos abrigos sob-rocha encontrados no Parque Nacional da Serra da Capivara – Sudeste do Piauí. O abrigo possui aproximadamente 75m de altura por 70m de comprimento e apresenta cerca de 1200 representações pictóricas figurativas em amarelo, cinza, branco e, predominantemente, vermelho. Além dos registros gráficos, no abrigo foram escavados vestígios arqueológicos de suma importância para a pré-história americana, pois evidenciaram uma presença humana muito antiga neste continente.

Somando-se ao valor cultural há o valor natural do abrigo. A espetacular beleza cênica da região com cânions, escarpas, fundos de vales, planícies, alternando uma paisagem verde exuberante, nos meses de chuva, e cinza, justificando o nome da vegetação de caatinga - floresta branca, do período de estiagem. A área é um testemunho de que a relação homem X ambiente natural, participa intensivamente da cultura humana, não de maneira determinista, mas de maneira interativa, sendo o homem ao mesmo tempo sujeito e objeto desta relação. Desta forma, fica evidente que o sítio como um todo, deve ser passível de preservação, e a ética envolvida na intervenção arqueológica deve também permear qualquer intervenção no entorno do sítio (Fotos 1 e 2).

O BPF sofreu importantes intervenções durante mais de 30 anos de pesquisas, pode-se até afirmar que, ao mesmo tempo em que o sítio foi em parte “destruído” pelas escavações arqueológicas, em parte ele foi perpetuado pelas pesquisas amplamente documentadas e pela riqueza de informações geradas. As escavações realizadas no BPF atenderam uma série de requisitos obrigatórios em respeito à ética que permeia a preservação do patrimônio arqueológico. Como orienta o Artigo 5º da Carta de Lausane – 1990, e os Princípios Gerais de Proteção ao patrimônio arqueológico da Carta de Nova Delhi - 1956, a decisão de escavar o sítio foi precedida por uma série de estudos, e findados dez anos o BPF foi escavado na área próxima às pinturas sendo deixadas colunas estratigráficas reservadas como bloco testemunho. Mediante os resultados obtidos pelas pesquisas arqueológicas, os trabalhos de conservação da arte rupestre do sítio tornaram-se imprescindíveis e urgentes.

O Patrimônio Cultural e as Teorias Preservacionistas

Artigo 1º da Conferência Geral da Unesco de Paris em 1972.¹

“- Para os fins da presente convenção serão considerados como patrimônio cultural:

- os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- os lugares notáveis: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as zonas, inclusive lugares arqueológicos, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico”.

O patrimônio cultural da humanidade representa os bens de significação cultural, que são testemunhos vivos das sociedades humanas do passado. Sua conservação representa a possibilidade de transmissão às gerações futuras e, portanto, é objetivo comum de muitas sociedades no presente.

No intuito de elaborar princípios que orientassem a conservação do patrimônio cultural, não só local, como mundial, diversas nações, através de congressos, encontros, seminários e conferências internacionais, vêm, conjuntamente, elaborando importantes documentos na forma de cartas e convenções que norteiam as ações preservacionistas dos patrimônios natural e cultural.

A Carta de Atenas de 1931 foi um dos primeiros importantes resultados do movimento internacional com vistas à salvaguarda dos monumentos históricos. No entanto, desde o século XVIII há uma crescente preocupação com a preservação do patrimônio cultural, na realidade, segundo Figueiredo (2001:01):

“A construção do ideário preservacionista e da noção de patrimônio faz parte de um projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional, servindo ao processo de formação de territorialidade e de consolidação do

Estado Nação, exigidos pelas novas mudanças nas relações de produção e seus desdobramentos políticos e sociais.

O início das ações de preservação dos objetos culturais pode ser posicionado há cerca de duzentos anos, vinculado ao processo de construção das nações, a partir das revoluções industrial e francesa...”

No decorrer do século XIX, Viollet-Le-Duc, na França, e John Ruskin na Inglaterra, fornecem os primeiros fundamentos das teorias preservacionistas. A partir desses dois teóricos sucederam-se diversas interpretações. Duas grandes contribuições, já no século XX, podem ser atribuídas a Alois Riegl e Cesare Brandi.

Em 1903 Alois Riegl (1984:1-8) deu importante passo na ampliação do conceito de monumento, o qual define como “toda obra humana tangível e visível, ou audível” que apresente valor artístico e histórico, salientando que todo monumento artístico possui uma instância histórica e “é claro existir um valor puramente artístico, independente do lugar que a obra ocupe no desenvolvimento da história”. Riegl propõe, ainda, a existência de um valor de antiguidade que nasce da sensibilidade e da afetividade humana, e portanto é comum tanto às pessoas cultas como às não cultas.

As teorias modernas da preservação têm grande influência das idéias do italiano Cesare Brandi (1963), as quais são claramente incorporadas pela Carta de Veneza de 1964. Brandi considera a obra de arte como um “especial produto da atividade humana” (p.32) e sendo assim, “qualquer comportamento frente à obra de arte, aí compreendida a intervenção de restauro, depende do reconhecimento da obra de arte como tal” (p.33). Este primeiro reconhecimento da obra como singular, deverá condicionar toda e qualquer ação a ser operada sobre ela. Segundo Brandi (p.33), “é a obra de arte que condiciona o restauro e não o oposto”.

As idéias de Brandi influenciaram as Cartas de Veneza de 1964, do Restauro de 1972, de Burra de 1980 e de Lausanne de 1990, que por sua vez, orientam, direta ou indiretamente, os trabalhos de conservação e preservação de sítios arqueológicos, afinal, já que cada sítio arqueológico é único no mundo, ele pode ser entendido como verdadeira obra de arte diante da sua singularidade e da sua bipolaridade estético-histórica. Desta forma, as orientações que seguem nestas cartas internacionais normatizam tanto as intervenções nas obras de arte como nos monumentos históricos e sítios arqueológicos.

O sítio arqueológico possui, no entanto, um agravante no que tange à sua preservação, ele possui não só os valores estético, histórico e antigo, mas além, ele possui valor científico e acaba assumindo também valores de cunho social e até mesmo político. Preservar, neste caso, torna-se tarefa extremamente complexa já que o sítio arqueológico para ser explorado cientificamente, na maioria das vezes, acaba por ser destruído pela escavação, restando apenas as informações e os registros.

Salvaguarda e Conservação das Pinturas na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada - BPF

O Artigo 4º da Carta do Restauro, documento erigido na Itália em 1972 e que fundamenta a ética de intervenções no mundo inteiro, diferencia salvaguarda de restauração:

“Entende-se por salvaguarda qualquer medida de conservação que não implique a intervenção direta sobre a obra; entende-se por restauração qualquer intervenção destinada a manter em funcionamento, a facilitar a leitura e a transmitir integralmente ao futuro as obras e os objetos definidos nos artigos precedentes”.

A carta para proteção e a gestão do patrimônio arqueológico ICOMOS/ICAHM – Carta de Lausane – 1990, no seu Artigo 7º observa que :

“a apresentação do patrimônio arqueológico ao grande público é um meio de fazê-lo ascender ao conhecimento das origens e do desenvolvimento das sociedades modernas. Ao mesmo tempo, constitui o meio mais importante para fazê-lo compreender a necessidade de proteger esse patrimônio”.

Mais recentemente, a Carta de Burra de 1980, em seu 8º Artigo afirma:

“A conservação de um bem exige a manutenção de um entorno visual apropriado, no plano das formas, da escala, das cores, da textura, dos materiais, etc. Não deverão ser permitidas qualquer nova construção, nem qualquer demolição ou modificação susceptíveis de causar prejuízo ao entorno. A introdução de elementos estranhos ao meio circundante, que prejudiquem a apreciação ou fruição do bem, deve ser proibida.”

Salvaguardar o patrimônio cultural, e ao mesmo tempo apresentá-lo ao público, torna-se por vezes um grande paradoxo. Deve-se criar condições de visitação e ao mesmo tempo de proteção ao sítio em vista do impacto causado pelo público. No caso do BPF, a passarela para visitação foi realizada de modo a utilizar o mínimo de fundações e fornecer o máximo de segurança ao visitante. Ela impede que o público toque a parede rochosa, mas ao mesmo tempo facilita a leitura dos registros

rupestres pois se encontra na altura ideal para visualizá-los, fornecendo um bom ângulo para fotografias e filmagens. A estrutura de ferro e madeira foi executada também com a preocupação de manter uma harmonia estética entre a passarela e o sítio. As trilhas condutoras de acesso ao sítio serpenteiam entre a caatinga do parque, evitando-se a eliminação da vegetação. Placas explicativas conduzem o visitante e nomeiam as espécies da flora local. A placa de identificação do sítio foi colocada distante da área com pinturas, para informar o turista sem interferir na leitura do monumento.

Apesar dos cuidados com a visitação, o BPF, como a maioria dos abrigos do PARNA Serra da Capivara, apresenta problemas de conservação de origem natural. A começar pela constituição da rocha – suporte das pinturas, um arenito muito friável, cimentado, com matriz feldspática que degrada-se facilmente. Além do mais, há bilhões de anos a região foi fundo de mar, e hoje, o interior da rocha apresenta grande quantidade de variados sais (nitritos, nitratos, sulfatos,...) e óxidos de alumínio, cálcio, ... Em um processo natural o cimento rochoso é atacado ou pela ação de microrganismos ou da água da chuva que quando cai, sobretudo em enxurrada, infiltra nos interstícios ou escorre na superfície pintada, dissolvendo os sais solúveis ou simplesmente arrastando os insolúveis. Após a evaporação os sais são depositados na superfície rochosa ou no interior da rocha, provocando o processo de deslocamento e a conseqüente destruição dos painéis pré-históricos (Fotos 3 e 4).



Foto 03



Foto 04

Outro agente importante na aceleração da degradação dos sítios de arte rupestre, é a incidência solar direta na parede pintada. O que ocasiona um superaquecimento da rocha (com amplitude térmica de até 30°C), através da evaporação da água interticial, ocasionando choques térmicos entre a temperatura da rocha e a do ar, sobretudo à noite quando em alguns meses do ano pode atingir até 12°C.

Esses agentes são os principais responsáveis pela abertura de fendas, verticais ou horizontais, de profundidades variadas e que com o passar do tempo tendem a aumentar pois são em geral ocupadas por plantas grimpantes, insetos ou pequenos animais que as utilizam como ninhos ou abrigos.

Intervenções de Conservação

Segundo o Artigo 1º da Carta de Burra - 1980,

“- o termo conservação designará os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características que apresentem uma significação cultural. De acordo com as circunstâncias, a conservação implicará ou não a preservação ou a restauração, além da manutenção; ela poderá,

igualmente, compreender obras mínimas de reconstrução ou adaptação que atendam às necessidades e exigências práticas.

- o termo manutenção designará a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem e não deve ser confundido com o termo reparação. A reparação implica a restauração e a reconstrução, e assim será considerada.

- a preservação será a manutenção no estado da substância de um bem e a desaceleração do processo pelo qual ele se degrada.

- a restauração será o restabelecimento da substância de um bem em um estado anterior conhecido”.

As intervenções de conservação no BPF foram realizadas seguindo a mesma orientação e metodologia adotada na área do PARNA Serra da Capivara desde 1991, obedecendo rigorosamente às normas estabelecidas nas Cartas Internacionais e a ética que orienta todos os trabalhos de conservação de bens culturais. Esta ética consiste no respeito estético da obra, onde o fundamental é sua integridade e a reversibilidade de qualquer ação produzida sobre ela. O material original deve ser respeitado não podendo sofrer nenhuma ação interventória que venha a ameaçar sua autenticidade, mesmo sob a justificativa de sua conservação.

Com base nessa deontologia seguiu-se o objetivo principal dos trabalhos, ou seja o de minimizar a ação de agentes degradantes que aceleram a destruição dos sítios com pinturas pré-históricas.

Ao longo de dois anos foram realizadas seis missões de campo e acompanhamentos permanentes em laboratório visando inicialmente a elaboração do diagnóstico técnico sobre o estado de conservação do sítio. Foram realizados exames e análises prévias da rocha, dos pigmentos e dos depósitos de alteração nos laboratórios do NAP-UFPI, no Departamento de Química da UFPI e no *Laboratoire de Recherche des Monuments Historiques* – França.

De posse desses resultados foram feitos testes de limpeza em áreas do sítio fora da região pintada e em seguida realizou-se, em laboratório, alguns testes no sentido de buscar soluções capazes de dissolver determinados sais eflorescentes que se depositaram sobre as pinturas ao longo dos anos.

A intervenção no sítio foi decidida após estes estudos e discussão com arqueólogos, outros especialistas em conservação e representante local do IPHAN.

De acordo com o Artigo 4º da Carta de Burra, que determina o emprego de técnicas tradicionais antes da utilização de técnicas modernas, a técnica de limpeza utilizada foi prioritariamente mecânica com auxílio de instrumentos dentários cirúrgicos (esculpidores, bisturis, espátulas, pincéis e escovas). Foram retirados os depósitos de alteração que cobriam as pinturas pré-históricas ou se encontravam muito próximos a elas, tais como casas de insetos (vespas, aranhas, marimbondos) e pequenos animais (lagartixas, mocós), galerias de térmitas, plantas grimpanes. Tudo de acordo com o que disse sabiamente Papi (1996:183): “a essência do problema da limpeza é ser capaz de eliminar os elementos negativos acrescentados pelos anos, e manter os autênticos”.

Em seguida procedeu-se a aplicação de cupinícidas nas casas de cupins que se encontravam próximas às pinturas e a ameaçavam.

Em alguns casos a retirada mecânica não foi capaz de eliminar as manchas deixadas pelos depósitos de alteração então foi preciso utilizar compressas embebidas em soluções diluídas dos produtos testados e aprovados anteriormente.

Nos casos das eflorescências salinas optou-se em não tocá-las, uma vez que são muito finas e exigiriam uma remoção puramente química além de ainda ser discutível sua possível função como filme protetor ao pigmento. No anexo B da Carta do Restauro de 1972 é defendida a conservação da pátina da pedra “por evidentes razões históricas, estéticas e também técnicas, já que ela desempenha uma função protetora como ficou demonstrado pelas corrosões que se iniciam a partir das lacunas da pátina”.

No caso das marcas de passagem de água da chuva sobre a parede pintada foram instaladas calhas (pingadeiras) a fim de desviar o seu curso.

O problema de conservação mais grave do BPF deveu-se à própria constituição do suporte: a placa rochosa, portadora dos painéis com pinturas, encontrava-se descolada da parede em vários pontos, chegando mesmo a alcançar cerca de 15 cm de profundidade. Foram identificados os locais mais graves através de um simples toque na superfície rochosa e decidiu-se então pelo trabalho de consolidação. Os espaços vazios existentes entre as placas e a parede, muitas vezes utilizados por pequenos animais e insetos, como ninhos, contribuindo assim para o seu alargamento, foram limpos

e preenchidos com argamassa preparada com sedimento da própria rocha, cal e água. Este trabalho além de proporcionar maior estabilidade ao suporte rochoso e evitar a queda de placas pintadas também deixou uma aparência harmônica sem, contudo, falsear a intervenção (Foto 5).

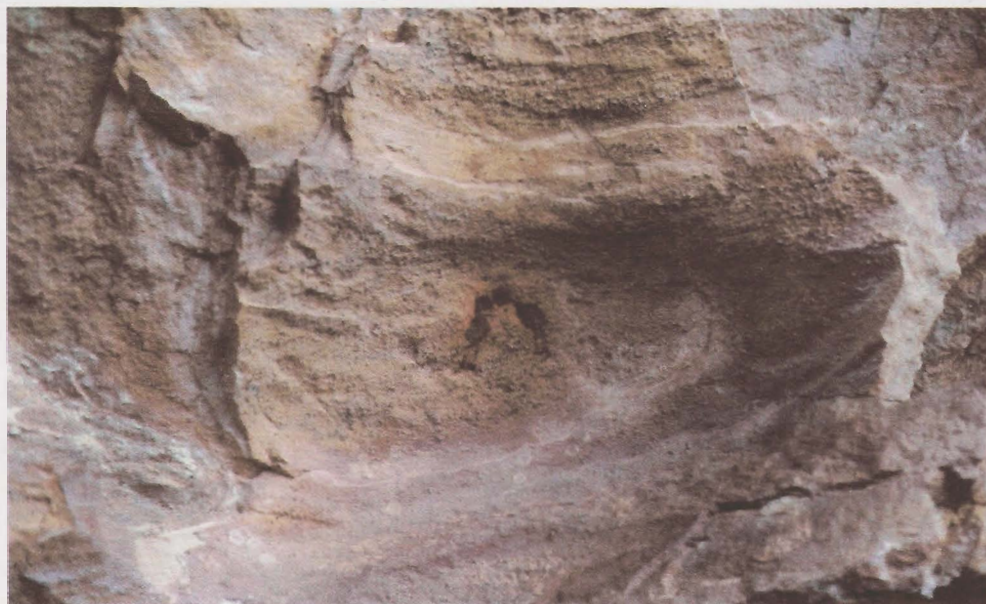


Foto 05

Por fim, foi realizado também um trabalho de recobrimento de pichações gravadas na entrada do sítio. Neste caso, como as pichações encontravam-se em uma área não pintada, pôde-se utilizar a própria pátina da rocha como material para preenchimento das fissuras a fim de minimizar seu efeito, o que proporcionou um excelente resultado positivo, pois deixou o nome gravado praticamente imperceptível.

Tanto os trabalhos de campo como os de laboratório contaram com a participação de alunos da UFPI, bolsistas de I.C. ou de mestrado da UFPE.

É importante notar, que ainda atendendo às Cartas Internacionais, os trabalhos desenvolvidos no PARNA da Serra da Capivara sempre estão associados a uma finalidade social, envolvendo intensamente a comunidade local nos programas e ações desenvolvidas pelo parque. Os trabalhos de conservação, por exemplo, são desenvolvidos por uma equipe de jovens profissionais provenientes

dos municípios vizinhos, formados no próprio PARNA sob a orientação de uma das autoras do presente artigo (Foto 6).

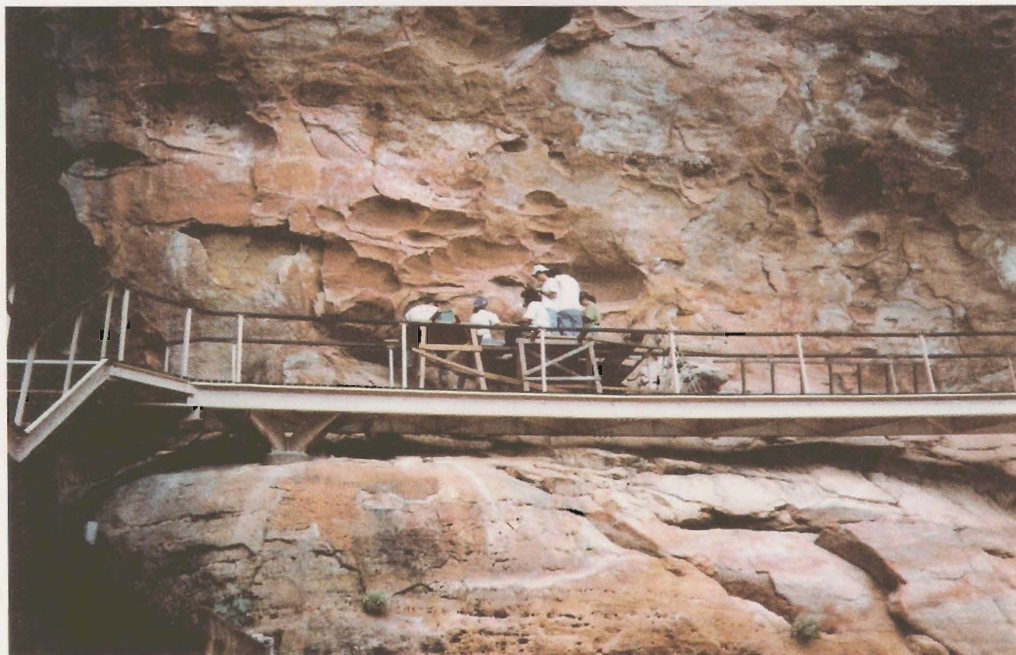


Foto 06

Considerações Finais

Apesar dos intensos trabalhos realizados no Parque Nacional Serra da Capivara, e da importância crescente que adquirem as pesquisas e os resultados destas em nível internacional, ainda existem muitos problemas administrativos e financeiros a serem enfrentados. Um dos mais importantes é a falta de orçamento destinado à conservação das pinturas e ao pagamento dos técnicos que ajudam a manter os sítios livres das constantes ameaças de depredação. No que se refere a autosustentabilidade do parque é preciso dar melhores condições de acesso, pois a péssima situação das estradas que chegam aos municípios limítrofes e a falta de um aeroporto tem repercutido em um fluxo turístico abaixo do desejado.

É importante ressaltar também a interdependência existente entre conservação do patrimônio cultural e preservação natural. As agressões ao patrimônio natural afetam diretamente os sítios arqueológicos.

Se há a extinção ou a diminuição na população dos predadores de térmitas (como tamanduás e tatus), conseqüentemente haverá uma maior incidência destes sobre o paredão rochoso; se há queimadas nas regiões limítrofes ao PARNA o fogo e a fumaça poderão atingir a parede rochosa com pinturas provocando seu superaquecimento e acelerando o processo de fissuras; se há desmatamento nos arredores de sítios, haverá um desequilíbrio no microambiente do sítio, modificando fatores importantes para o equilíbrio dos sítios (evapotranspiração, drenagem da água de chuva, etc.) o que de alguma maneira atingirá as pinturas.

Enfrentar os problemas antrópicos diretos, como pichações, pode até ser mais fácil que enfrentar os problemas naturais ou os problemas antrópicos indiretos que afetam os sítios. Alguns exemplos podem ser observados no próprio BPF.

A água tem se demonstrado uma grande inimiga dos sítios de arte rupestre, ela pode ocasionar manchas de escoamento na parede pintada, manchas de umidade com a atuação de microrganismos, manchas causadas por sais da própria rocha que afloram na superfície rochosa. O BPF apresenta os três problemas acima em várias áreas, porém, a intervenção, nestes casos, requer trabalhos bem mais complexos e demorados envolvendo a participação de uma equipe interdisciplinar a fim de elaborar um diagnóstico exaustivo, e que findarão possivelmente em intervenções estruturais envolvendo o maciço rochoso como um todo, e não apenas a parte abrigada que contém as pinturas.

O que se observa é que somente através de mais estudos, e com grandes investimentos se poderá retardar a ação destes problemas, ou pelo menos atenuá-los. Um estudo recente, efetuado de maneira interdisciplinar, propôs para um outro sítio do PARNA, a Toca da Entrada do Pajaú, um projeto ousado visando proteger todo o bloco rochoso (Lage *et al.*, 2002).

A rocha de certa forma tem vida, ela algum dia, há milhões de anos, nasceu, e desde então vem deteriorando-se, virando pó, se tornando sedimento. Quanto aquele paredão rochoso já perdeu e quanto já morreu?

Impedir totalmente o processo de deterioração ainda não é realizável nos dias de hoje, mas retardá-lo tem se mostrado possível. Através de mais estudos e da determinação de profissionais que no mundo todo podem ajudar, as pinturas do BPF poderão sobreviver alguns milhares de anos a mais.

Maria Conceição Soares Menezes Lage - Professora Doutora da Universidade Federal do Piauí/Pesquisadora FUMDHAM/CNPq - Av. Universitária 1310 Ininga CEP64049-550 – Teresina – Piauí conceicao@ufpi.br

Joina Freitas Borges - Aluna de Especialização em Conservação de Arte Rupestre – NAP – UFPI
Av. Universitária 1310 Ininga CEP64049-550 – Teresina – Piauí joinaborges@uol.com.br

Notas

¹ Interessa, neste caso, o Artigo 1º: “Todas as obras de arte de qualquer época, na acepção mais ampla, que compreende desde os monumentos arquitetônicos até as de *pintura e escultura*, inclusive fragmentados, e desde o período paleolítico até as expressões figurativas das culturas populares e da arte contemporânea, pertencentes a qualquer pessoa ou instituição, para efeito de sua salvaguarda e restauração, são objeto das presentes instruções, que adotam o nome de Carta do Restauo 1972”. [grifos nossos].

Bibliografia

- BRANDI, Cesare. **Teoria del restauro**. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1963. p.1-40.
- BRUNET, J., VIDAL, P. & Vouvé, J. **Conservation de l'art rupestre – deux étude, glossaire illustré**. Unesco, Études et documents sur le patrimoine culturel, n° 7, 1985, 232 p.
- CARTAS PATRIMONIAIS. Cadernos de Documentos n° 03 (1995). Brasília: Minc/IPHAN.
- FEJÉRDY, Tamás. Authenticité dans la restauration des monuments historiques. **Conferece de Nara sur l'authenticité dans le cadre de la Convetion du Patrimoine Mondial**. Nara – Japon, 1-6 Novembre, 1994. UNESCO, 1995. p. 211-216.
- FIGUEIREDO, Diva M. Freire. Teorias modernas da preservação. **O monumento habitado: a preservação de sítios históricos na visão dos habitantes e dos arquitetos especialistas em patrimônio – O caso de Parnaíba**. Recife: UFPE, 2001. Capítulo 1. [dissertação de mestrado]
- GUIDON, Niède. Contribuição ao estudo da paleogeografia da área do Parque Nacional Serra da Capivara. **Clio**, Recife, V.I, n° 15, 2002, p. 45-60.
- LAGE, Maria Conceição Soares Menezes. Análise química de pigmentos de arte rupestre do sudeste do Piauí. **Revista de Geologia**, V. 9., 1996, Fortaleza, p. 83-96.
- _____. “O Patrimônio Arqueológico do Estado do Piauí: seu estado de conservação”. **Anais do Seminário Internacional Preservação: a Ética das Intervenções**. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – MG, 1996, pág. 159-169.
- LAGE, *et alli*. Intervention de conservation sur un site: La Toca da Entrada do Pajau, Parc National de la Serra da Capivara, Piauí. Primeirs résultats. **L'art avant l'histoire, la conservations de l'art préhistorique**. Paris, 23-24 may, 2002, p.159-163.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996, 440 p.
- PAPI, Andréa. Elementos artísticos: Problemas de metodologia e ética na restauração. **Anais do Seminário Internacional Preservação: a Ética das Intervenções**. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – MG, 1996, p. 171-193.

- PESSIS, Anne-Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-história da terra brasiliis**. Rio de Janeiro : UFRJ, 1999. p. 61-72.
- PRICE, Nicholas P. Stanley. Patrimônio natural e arqueológico: ética da intervenção para a conservação do patrimônio arqueológico e natural. **Anais do Seminário Internacional Preservação: a Ética das Intervenções**. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – MG, p. 139-157, 1996.
- RIEGL, Alois. Les valeurs monumentales et leur évolution historique. **Le culte moderne des monuments: son essence et sa gênese**. Paris: Seuil, 1984 [1903], p. 35-62. [tradução]